



**ANU
A** PERSPECTIVA
SISTÊMICA

UMA PARCERIA NOOS FAMILIAE E INTERFACI

DEZEMBRO DE 2012 ANO XXI

44

“E O PALHAÇO, O QUE É?”

MARIE UBIRAYARA KICHISE PEDRA

Psicóloga clínica,
psicoterapeuta de família
e casal formada pelo
Instituto Humanitas de
Pesquisa e Intervenção
em Sistemas Humanos –
Salvador/BA
kichise.marie@gmail.
com

MARINA LIMA DUARTE MOREIRA

Psicóloga clínica,
psicoterapeuta de família
e casal formada pelo
Instituto Humanitas de
Pesquisa e Intervenção
em Sistemas Humanos –
Salvador/BA
ldm.marina@gmail.com

ROBERTA DOS REIS GÓES

Psicóloga clínica,
psicoterapeuta de família
e casal formada pelo
Instituto Humanitas de
Pesquisa e Intervenção
em Sistemas Humanos –
Salvador/BA
robertagoes1@hotmail.
com

A questão da identidade (do quem sou eu?) é sempre uma questão aberta, cujas respostas dependem das posições assumidas por um ou por outro nestas práticas discursivas, e das histórias através das quais damos sentidos a nossas vidas e a dos outros
DAVIES & HARRÉ, 1999 APUD GUANAES & JAPUR, 2003.*

O filme *O Palhaço* (2011), dirigido por Selton Mello, retrata com grande sensibilidade as nuances que compõem a história do circo *Esperança*. Benjamin (Selton Mello) vive o palhaço *Pangaré* e é filho de Valdemar (Paulo José), que se divide entre os papéis do palhaço *Puro Sangue* e de dono do circo. A história do longa-metragem se baseia no paradoxo alegria versus tristeza, encarnado pelo personagem Benjamin que, mesmo tendo como profissão fazer as pessoas sorrirem, vive angustiado em busca de sua constituição identitária.

A pergunta “*Quem é você?*” marca o filme. Tal questionamento pode surgir em momentos distintos da história do sujeito, referindo-se a uma reflexão sobre a vida e sobre como esta é vivida. As perguntas advindas dessas reflexões impulsionam a busca pela identidade histórica pessoal.

Durante todo o longa-metragem, ventiladores aparecem como uma metáfora do tempo e do movimento, ou seja, como aquilo que podemos fazer com a nossa vida, o grau de paralisia que impomos a ela ou no sentido de eterna possibilidade de mudança. O tempo é um conceito difícil por não ser único, isto é, o tempo que rege a vida não é o mesmo que regula as horas. Nem todos os aspectos da nossa existência compartilham o mesmo horário que a rotina de trabalho nos impõe, ou seja, o tempo da realidade externa difere dos tempos das realidades internas de cada indivíduo. Como visto no filme, Benjamin ficou parado em sua condição existencial de palhaço por um longo período, cumprindo um mandato familiar de fazer os outros rirem, reproduzindo a atividade de seu pai. Entretanto, inquieto com esta posição na vida, a personagem entra em crise identitária que resultará na sua saída da comunidade circense.

O longa segue uma linha cronológica regular com introdução, conflito e desfecho. A linha do tempo como realidade externa é marcada no decorrer das constantes viagens do *Circo Esperança*, orientando os fatos que ocorrem a cada parada. Porém, é possível verificar os diferentes tempos de *Benjamin*, bem como suas significações pela linguagem, marcada por falas repetidas e desejo expressado pelo ventilador. Para o palhaço, este objeto, símbolo de movimento, revela sua decisão de buscar novos ares e seu desejo de experimentar a vida sob outra perspectiva, na busca pela sua construção identitária. O tempo de Benjamin se dissocia do tempo das viagens, e a sua trajetória passa, desde então, a seguir para além das estradas de barro.

Esse tempo também pode ser percebido quando introduzimos ideias sobre a construção de nossas identidades. O tempo cronológico, histórico e cultural influencia a maneira como analisamos e percebemos esta construção. Contemporaneamente, muitos compreendem que o sujeito se constrói e se desenvolve como produção de trocas discursivas, geradas pela forma como as pessoas descrevem-se a si mesmas e

* GUANAES, C., & JAPUR, M. Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de Self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19 (2), 2003. Recuperado em agosto, 2010, de www.scielo.br/scielo.

são descritas pelos outros em suas conversações, convidando-nos a uma multiplicidade de versões de realidades situadas histórica e socialmente. Se observarmos bem o longa-metragem vemos que os companheiros de circo de *Benjamin* servem como coautores deste senso de *self* do palhaço, pois eles falam (não somente pela forma verbal) sobre as percepções que têm do mesmo. Seguindo estas reflexões, abrem-se outras possibilidades: a de ser vários e de estar sempre em construção, demonstrando, assim como o ventilador, o movimento da vida.

Tendo como base as ideias construcionistas para ilustrar estas reflexões, percebemos que a crise de identidade vivida por *Benjamin* pode ser um subproduto de sentimento de não pertencimento à comunidade circense. Em tal delimitação do "eu" e dos outros, distinguindo a si mesmo e o sistema a que pertence. Em muitos momentos do filme, podemos perceber que *Benjamin* tem dúvidas sobre se seu papel de palhaço é uma escolha própria, dotada de autonomia ou se segue um mandato familiar, reproduzindo a profissão de seu pai, o palhaço *Puro Sangue*.

Nesse sentido, podemos pensar também na existência de um sentimento de lealdade que, em alguns momentos, possa paralisar *Benjamin*. Entendendo-se por lealdade códigos familiares ou sociais configurados a partir de expectativas compartilhadas, muitas vezes sem registros, mas contadas através das gerações. Tais códigos dão ao sujeito um senso de identidade cultural, tendo como fundamento a preservação do grupo. Podemos inferir que a angústia vivida por *Benjamin* talvez tenha sido oriunda da dificuldade de manter-se investido nos códigos culturais de sua comunidade, na medida em que a sua busca por autonomia poderia ser entendida pelos demais membros do circo como ingratidão e/ou ameaças às crenças da comunidade circense, aqui entendida como mais uma possibilidade de arranjo familiar. Entretanto, podemos perceber que *Benjamin* é autorizado por seu pai a ir em busca de seu desejo e autonomia, sendo, assim, protegido de suplementações reprovativas, quando *Valdemar* anuncia: "*Filho, na vida, devemos fazer aquilo que gostamos e sabemos...*"

A partir desse momento, mesmo angustiado com o sentimento de não pertencimento, *Benjamin*, sentindo-se autorizado, decide deixar o circo em busca de um emprego e de seu RG, seguindo para a cidade de Passos. Nessa cidade, ele encontra sustento em uma loja de eletrodomésticos, vendendo ventiladores, onde consegue conduzir uma vida minimamente estável. Com o RG em mãos, a rotina do personagem é exibida em silêncio e, após o encontro com alguns colegas de trabalho numa mesa de bar onde anedotas são contadas, *Benjamin* revive seu lugar no mundo, conjuntamente às cenas do circo, e decide retornar ao grupo.

Com isso, o movimento de *Benjamin* passa a ser o de tentar preencher as lacunas deixadas pelas experiências vividas em sua família circense. A fim de ilustrar estas lacunas, podemos nos remeter a um dos questionamentos recorrentes de *Benjamin*: "*Eu faço o povo rir, mas quem vai me fazer rir?*" Desta forma, as novas experiências vividas pelo personagem permitem que ele reescreva sua história, produzindo novos significados que começam a dar sentido a forma como ele vê a si mesmo e ao mundo. No seu retorno para o grupo, é possível perceber que o que o deixa irradiante e o faz sorrir é o dom de fazer as outras pessoas sorrirem. Vale ressaltar que as trocas decorrentes das experiências vividas fora do circo auxiliaram *Benjamin* a ressignificar sua história e papel no mundo quando, pela primeira vez, ele pôde estar no lugar de quem assistia uma comédia como, por exemplo, na cena com seus colegas de trabalho. Deste modo, ao viver situações diferentes das habituais,

Benjamin pôde construir novos relatos sobre si mesmo, modificando, reescrevendo, através de novos discursos, sua noção de *self*.

A “volta para casa” revela a maturidade do personagem no longa, pois o mesmo volta às origens diferente de como saiu, levando consigo seus objetos desejados e conquistados com grande esforço: o ventilador e sua identidade, representada no filme como seu RG.

Ademais, podemos interpretar que a personagem de *Guilhermina* (Larissa Manoela) tem, na experiência vivida por *Benjamin*, a possibilidade de viver seu processo de construção da identidade de maneira facilitada, uma vez que ele se tornou um “inovador” no sistema familiar e que o seu movimento de ganho de autonomia e constituição identitária foi assimilado e adotado pela comunidade circense. Diante dessa situação, ao acompanhar, enquanto audiência, parte do processo de busca da identidade de *Benjamin*, *Guilhermina* passa a ter maior liberdade para viver a sua própria busca de senso de *self* sem passar por tantos conflitos como o seu modelo precedente. Fazendo referência ao que foi explicitado anteriormente, o que *Benjamin* trouxe à comunidade como “inovador” passa a ser parte integrante e natural no funcionamento deste grupo, o que nos faz pensar que as dificuldades de *Guilhermina* podem ser de outras ordens ou que sejam amenizadas pelo apoio do grupo, na medida em que as mudanças advindas do processo de *Benjamin* possuem conotação positiva. E, assim, esta personagem pode representar no filme a contínua busca por uma constituição identitária, uma vez que, para o construcionismo social, nunca estamos totalmente formados, mas sempre estamos na constante possibilidade do devir, do vir a ser. Podemos pensar, com isso, que somos um “museu de grandes novidades”. O que carregamos da nossa história nos dá um sentido de unicidade e continuidade, sempre havendo espaços para o novo.

A cena final mostra o retorno de *Benjamin* ao circo. Em pleno espetáculo, ele surpreende o palhaço *Puro Sangue*, que faz o seguinte questionamento se utilizando do humor como parte do show:

– O que você está fazendo aqui?

Pangaré, então, anuncia:

– O gato bebe leite, o rato come queijo e... EU SOU PALHAÇO!

Esta cena emblemática é acompanhada com emoção pelos outros membros do circo, pois todos sabem que ela registra a consciência de *Benjamin* quanto ao seu papel e lugar no mundo. Pode-se entender, através desta cena, que a constituição identitária foi legitimada por seu pai e pela comunidade circense, principal grupo de trocas de *Benjamin*, que se torna o “respeitável público” do maior espetáculo da vida: a autonomia conquistada, revertida em uma identidade que registra quem somos, ainda que nunca estejamos “prontos”.

O gato bebe leite, o rato come queijo... E você?